



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a 4ª reunião ordinária de chefes de Estado e de Governo da Unasul Georgetown-Guiana, 26 de novembro de 2010

O problema é que dois mandatos de quatro anos é muito tempo para a oposição, mas é muito curto para quem tem que exercer os dois mandatos.

Eu quero cumprimentar o nosso querido amigo Jagdeo, presidente da Guiana,

E quero cumprimentar o nosso companheiro Rafael Correa,

E cumprimentando os dois eu quero cumprimentar todos os companheiros chefes de Estado, os chanceleres, e os nossos companheiros todos que estão aqui,

Esta é uma ocasião muito especial para mim. Em pouco mais de um mês estarei deixando a Presidência da República do meu país. Meu lugar será ocupado por minha companheira e amiga Dilma Rousseff. É, assim, um momento de despedida, mas também de esperança, e de muita esperança, porque parecia impossível eleger uma mulher presidenta da República na nossa América do Sul, e de repente veio Michelle, de repente veio Cristina, e agora veio Dilma. Eu espero que outras mulheres continuem galgando...

Quis o destino que Néstor Kirchner nos deixasse tão cedo e de forma muito repentina. Néstor – um incansável defensor da integração regional – soube enfrentar com destemor o desafio de ser o primeiro secretário-geral da Unasul. Por sua coragem, independência, firmeza de propósito e sentido de lealdade aos povos da sua região, a figura de Kirchner ficará para sempre registrada em nossa memória como uma fonte maior de inspiração. É preciso saber honrar a sua memória. O seu sonho é o sonho de todos os sul-americanos. É o nosso sonho.

Meus caros companheiros e companheiras,



Deixo a Presidência da República do Brasil com o sentimento do dever cumprido. Estou profundamente honrado por ter colaborado com meus amigos chefes de Estado da América do Sul para a criação da Unasul. E aqui um pedido de desculpas aos companheiros da Unasul. O projeto de lei já foi para a Câmara para ser votado. Há consenso no conteúdo - entre a base de sustentação do governo -, mas como não tinha quorum porque os deputados ainda estão... os que perderam, chorando; e os que ganharam ainda não tomaram posse, ou seja, não teve quorum, e a oposição pediu verificação de quorum e, portanto, não pôde ser votado. Mas eu acho que é apenas uma questão de dias, e nós seremos aprovados na Câmara e no Senado, e nós também não teremos problema. Se tivermos algum problema neste ano, certamente, no começo do mandato a Dilma vai ter muito mais facilidade de votar as coisas no Senado e na Câmara, porque a nossa maioria agora é mais folgada nas duas Casas. De qualquer forma, eu peço desculpas porque o Brasil, pelo que ele representa na América do Sul, já deveria ter aprovado.

Quando lançamos em Cusco, em dezembro de 2004, os fundamentos desse empreendimento, poucos imaginavam que, seis anos mais tarde, teríamos constituído uma verdadeira União Sul-Americana.

Com a Unasul, a América do Sul deixa de ser apenas um conceito geográfico. Passa a ser ator global, articulando-se em torno de um projeto amplo de integração, uma realidade política.

Estamos materializando o sonho de nossos próceres e libertadores. Estamos superando a inércia e as resistências que, ao longo de duzentos anos de vida política independente, impediram que trilhássemos juntos os caminhos da unidade.

Nos anos 80 e 90 do século passado, o pensamento conservador hegemônico nos impôs modelos de ajuste econômico retrógrados, discriminatórios e vazios de preocupação social. Foram regras ditadas por



supostos especialistas, que não conheciam a região, mas tiveram o acordo submisso de parte de nossas elites políticas.

Essas políticas separavam crescimento de distribuição de renda. Dizendo privilegiar a estabilidade, mergulharam nossos países na recessão, desemprego, e no caos macroeconômico. Desqualificavam a política e a ação do Estado. Menosprezavam a noção de soberania nacional.

O legado desse período foi doloroso. Para revertê-lo, vários países tiveram de ser literalmente refundados, como resultado das profundas crises políticas que varreram a região.

Hoje já não somos vistos apenas como uma periferia distante e problemática. Não somos área de influência de nenhuma metrópole. Somos parte essencial da solução da maior crise econômica das últimas décadas. Uma crise que não criamos e que nasceu no centro do capitalismo mundial, por obra da anarquia dos mercados e da irresponsabilidade de governantes que não souberam regulá-los. O mundo de hoje não é mais moldado por alguns poucos países desenvolvidos. Até porque eles estão em crise.

Sem os países em desenvolvimento não será possível a abertura de um novo ciclo de expansão que combine crescimento, combate à fome e à pobreza, redução das desigualdades sociais e preservação ambiental.

Essas devem ser as prioridades da nova agenda internacional. Esta é a hora para reconstruir as instituições globais em bases mais democráticas, representativas, legítimas e eficazes.

No momento em que se está constituindo um mundo multipolar, a América do Sul pode – e deve - afirmar sua presença no plano internacional e renovar a confiança em si mesma e na capacidade de seus povos construírem um destino comum de desenvolvimento, justiça social, democracia e paz.

A Unasul é a expressão política desse projeto. Para tanto, deve desenvolver rapidamente instituições, flexíveis e ágeis para articular as iniciativas comuns nesse processo ambicioso de integração. Essas instituições



permitirão potencializar nossos amplos recursos humanos, energéticos, agrícolas, minerais, e nossa biodiversidade.

Vamos tirar proveito da vastidão e diversidade de nosso território, banhado por dois oceanos. Somos quase 400 milhões de homens e mulheres que se beneficiam hoje de uma excepcional fase de crescimento econômico da região e de bem-sucedidos programas de inclusão social que ajudam a diminuir uma ainda persistente pobreza e desigualdade. Eles constituem enorme base produtiva e grande mercado de bens de consumo.

Nossas indústrias, universidades e centros científicos e tecnológicos nos aproximam dos grandes avanços que a Humanidade vem experimentando nas últimas décadas. Não por acaso, somos hoje um dos principais pontos de atração de investimentos no mundo.

A América do Sul é uma região de paz, onde floresce a democracia. Os governantes de todos os nossos países foram eleitos em pleitos democráticos e com ampla participação popular. Nossa democracia tem povo nas ruas, tem participação da sociedade.

Mas não há democracia e prosperidade sem alicerces sólidos e cooperação. Por isso, a Carta Democrática da Unasul que aprovamos hoje será fundamental para afastar os riscos à ordem institucional na região.

A Unasul reflete a diversidade e o pluralismo de nossas opiniões e visões. Tomamos nossas decisões sempre por consenso. Consenso que nasce do compromisso comum com a democracia e que se constrói na harmonia e no respeito mútuo. Por meio de exercício permanente do acordo político, afiançaremos a estabilidade regional e o desenvolvimento solidário.

O Tratado Constitutivo aprovado em Brasília, em 2008, nos lembra, já em seu preâmbulo, que a integração sul-americana é essencial para o fortalecimento da América Latina e do Caribe. A Unasul nasce, assim, aberta para o seu entorno.



Insisto na necessidade de aperfeiçoarmos nossas instituições para implementar as políticas aprovadas e avançar rapidamente com projetos inovadores e de grande alcance em áreas prioritárias.

As negociações do Tratado de Integração Energética colocam sobre a mesa elementos que nos permitirão, em breve, ter um plano de trabalho objetivo, com propostas concretas e metas alcançáveis. Não podemos ser, ao mesmo tempo, a região do mundo de maior potencial energético e aquela que ainda sofre apagões.

É fundamental também avançar concretamente em um amplo projeto de conexão física de nossos países, ainda muito separados pela geografia e pelo descaso de governantes passados.

A entrada em vigor do Banco do Sul e o fortalecimento da CAF e do Focem ajudarão na retomada do crescimento e na geração de empregos.

O Conselho Sul-Americano de Defesa investe no fortalecimento da confiança mútua regional, por meio da cooperação e do intercâmbio nas áreas de formação, treinamento e transparência, mas podemos ampliar e aprofundar esses vínculos.

Vivemos em uma das regiões mais pacíficas e desarmadas do mundo. Estamos construindo uma visão regional de defesa fundada em valores e princípios comuns, como o respeito à soberania, à autodeterminação e à integridade territorial dos Estados e a não intervenção em assuntos internos.

Nossas Forças Armadas estão comprometidas com a construção da paz, especialmente em nosso entorno. Nossa presença no Haiti, por meio da Minustah, é exemplo eloquente dessa determinação.

Temos de tirar consequências práticas, rápidas, de nossa decisão de criar um Conselho de Combate ao Narcotráfico. O crime organizado não pode continuar sendo uma ameaça às nossas sociedades e ao Estado de Direito.

O comércio intrarregional cresceu muito, mas ainda precisamos torná-lo mais equilibrado, dando a todos igual acesso ao mercado que estamos



consolidando. Mais do que eliminar tarifas e reduzir barreiras não tarifárias, devemos estimular a criação de cadeias de integração produtiva entre nossas empresas estatais e privadas e o desenvolvimento de parcerias em setores estratégicos, como os da energia e derivados, indústria aeronáutica, construção naval, medicamentos e equipamentos de defesa.

Só com mecanismos abrangentes e estruturais vamos lograr superar as assimetrias entre nossos países e deixar para trás uma longa história de indiferença e isolamento recíproco.

Meus caros companheiros,

São esses fatores materiais e os valores que cultivamos que nos permitem aspirar a uma crescente projeção geopolítica e geoeconômica no novo mundo que se está constituindo, um mundo multipolar e multilateral.

Temos condições de sobra para renovar o nosso orgulho coletivo diante da grande obra de integração que já realizamos juntos. Nossos governantes precisam ter, cada vez mais, o sentimento da história.

É fundamental pensar a integração como projeto estratégico e com sentido de política de Estado, superior às contingências adversas que possam surgir pontualmente.

O Brasil quer associar seu presente e seu futuro ao destino da América do Sul. Não podemos sucumbir à tentação de saídas isoladas. Nenhum de nossos países será efetivamente próspero sem que todos sejamos prósperos. Nosso futuro está na união, nosso futuro está na Unasul.

É com esse espírito de confiança em nosso futuro que expresso minha gratidão e reconhecimento pela liderança e pelo trabalho sereno e eficaz do companheiro Rafael Correa neste último ano, período de intensa atividade para a consolidação da nossa organização.

Ao presidente Jagdeo, que inicia hoje a Presidência do turno, desejo tanto trabalho quanto o Rafael e tanta sorte quanto o Rafael para avançar ainda mais na consolidação da Unasul. Estou certo, Jagdeo, de que saberá



conduzir a obra da integração de todos os sul-americanos à altura das aspirações de nossos povos.

Antes de terminar, eu prometo não fazer improviso aqui, Chávez, porque eu estou atrasado uma hora. Esta hora era a hora em que nós deveríamos estar tirando fotografia e ir embora, porque eu tenho compromisso em Manaus.

Antes de terminar, eu quero fazer um pedido e dizer o seguinte: está aqui comigo o companheiro José Graziano, que é um companheiro que é hoje... ele é o representante da FAO para a América Latina, é o companheiro que me ajudou a criar o programa Fome Zero e o Bolsa Família, e este companheiro... o Brasil e eu, antes que a Dilma entre, tomo a liberdade de apresentá-lo à Unasul, para que a gente possa indicá-lo para ser o novo diretor-geral da FAO, que teremos eleições no próximo ano. A FAO precisa menos de um homem e mais de um projeto. E o projeto que nós fizemos no Brasil é um projeto que deu certo, tem resultados extraordinários, e eu acho que isso é uma coisa extremamente importante.

Por último, porque eu acho que está chegando a vez da Cristina falar, eu queria dizer a vocês, companheiros, os meus agradecimentos. Na hora em que eu comecei a falar, eu estava lembrando que em Cusco nós tínhamos tanto desconhecimento uns dos outros e tanta desconfiança uns dos outros, que numa simples mesa de conversa entre presidentes, aconteceu um entreviro entre Chávez e Toledo, e um deles saiu da reunião – não sei se foi o Toledo que saiu ou o Chávez (incompreensível) – eu fui buscar o Toledo (incompreensível) que não era possível, que não porque tinha discordância que a gente ia acabar com a reunião de Cusco.

Eu queria dizer para vocês o seguinte: olhe, eu sei que nós somos muito exigentes conosco mesmos, nós nos cobramos demais. E é bom que seja assim. Mas eu, que não sou o decano, porque o Chávez é o decano, posso dizer a vocês, companheiros, que saio da Presidência do Brasil convencido de



que nós conseguimos fazer nesses anos o que vários companheiros nossos tentaram fazer durante décadas e décadas, e não conseguiram.

Nós aprendemos a nos respeitar, nós aprendemos a conviver democraticamente na diversidade. E vou usar duas pessoas aqui para dar esse exemplo. Não há dentre nós, aqui nesta sala, que cinco meses atrás pudéssemos imaginar que a relação entre o presidente Santos, da Colômbia, e o presidente Chávez, da Venezuela, fosse ser tão harmônica... Esse – para quem é cristão como eu – é o milagre da política, é o milagre da política. E também na política acontece isso.

Eu digo isso porque se a gente pegasse uma fotografia do que era a América do Sul nos anos 2000, tirasse uma fotografia e comparasse com a fotografia que nós temos hoje, nós iríamos perceber o avanço que aconteceu, de pessoas eleitas com o compromisso de fazer política social. Eu sempre acreditei, presidenta Cristina, que independentemente do pensamento ideológico, se as pessoas tiverem o povo organizado e cobrando, ninguém fugirá de fazer um governo progressista. Você participa comigo no G-20, acho que é a primeira vez na história, a primeira vez na história, Chávez, que eu e Cristina entramos em uma reunião do G-20 todos orgulhosos com o crescimento das nossas economias, com o crescimento da geração de empregos.

Só de janeiro a setembro, no Brasil, Chávez, foram criados 2,409 milhões de empregos formais. Enquanto nos países desenvolvidos, a gente olha para a fisionomia de cada um, eles estão todos combalidos, porque eles sabiam resolver a crise da Argentina, eles sabiam resolver a crise do Peru, eles sabiam resolver a crise do México, eles sabiam resolver a crise no Brasil, mas quando a crise é deles, eles não sabem resolver.

Vocês, aqui, todos foram vítimas. Quantas vezes nós andamos pelo mundo, e qualquer secretário de terceira categoria olhava na cara de um presidente da América do Sul e ousava dizer o que a gente tinha que fazer.



Hoje eles não ousam, porque eles sabem que nós somos sabidos iguais a eles. A diferença nossa é que nós, hoje, temos mais soberania e autodeterminação do que a gente tinha há dez anos. Eu, companheiro Chávez, ficava ofendido cada vez que a imprensa brasileira mostrava a fotografia, na primeira página, de duas pessoas do FMI descendo no aeroporto do Rio de Janeiro ou no aeroporto de São Paulo para fiscalizar as contas do Brasil. Era uma vergonha. Todo final de ano, aquele monte de autoridades brasileiras correndo para Washington para tomar dinheiro emprestado para poder fechar as contas no final do mês (ano).

Eu vou entregar o meu país para a companheira Dilma Rousseff, não devendo ao FMI, eles me devem agora US\$ 14 bilhões, que eu emprestei para eles, e com quase US\$ 300 bilhões de reservas, Então, eu acho que essa é a autodeterminação, esse orgulho de ser latino americano, esse orgulho de ser sul-americano é que pode permitir a gente criar mais avanços.

É verdade Rafael, nós não avançamos o tanto que poderíamos avançar, porque nós decidimos as coisas aqui, nós temos de nos submeter ao Congresso de cada um dos nossos países. Nós temos a burocracia que, muitas vezes, não faz aquilo que é necessário fazer... Demora mais. Eu tenho a convicção de que daqui para frente nós só iremos avançar. Estou convencido, companheiros, de que o mundo aprendeu uma coisa – e eu não me esqueço nunca, Chávez; não me esqueço nunca, companheiro Santos – o que aconteceu comigo no caso do Irã. Não me esqueço nunca. É uma coisa que eu vou guardar para contar para os meus bisnetos, se eu tiver bisnetos, porque o que nós fizemos com o Irã - e você conhece bem o Ahmadinejad - o que nós fizemos com o Irã foi apenas convencer o Irã a se dispor a sentar em uma mesa de negociação, que o Conselho de Segurança da ONU estava tentando há dez anos e não conseguia; e nós dissemos “nós vamos conseguir”. Pedi até a sua ajuda, fomos lá. O companheiro Ahmadinejad assinou o documento, que era *ipsis litteris*... dá para traduzir *ipsis litteris*? Pois bem, que



era igualzinho à carta que o Obama tinha me mandado, dez dias antes, dizendo quais eram as condições para que eles aceitassem o acordo com o Ahmadinejad. Qual não foi a nossa surpresa que, quando o Ahmadinejad assinou, e nós imaginávamos que eles iriam telefonar para agradecer, eles ficaram nervosos, porque dois países pobres, dois países pobres estavam conseguindo fazer o que eles não conseguiam fazer. E, no Brasil, Rafael, no Brasil, setores da imprensa diziam assim: “O que o Lula tinha que se meter? Não é coisa dele.”. Porque passava a ideia de que para resolver os conflitos do mundo só os Estados Unidos poderiam resolver. Ora, como é que eles podem resolver se são eles os criadores do problema? Como eles podem resolver? Então eu quero, sem nenhuma afronta a ninguém, sem nenhuma afronta a ninguém, eu queria dizer para vocês, sem nenhuma arrogância, que o bem maior que nós conquistamos, nesta América do Sul, o bem maior foi a gente aprender a andar de cabeça erguida; foi a gente aprender a gostar do nosso povo; foi a gente aprender a priorizar os nossos países. O nosso mundo, na América do Sul, não é apenas pobre, porque os gringos fizeram pobres; a nossa América do Sul é pobre, porque, secularmente, nós tivemos uma elite pobre que só dava valor àquilo que vinha de fora. No Brasil, no auge da borracha, os donos dos seringais mandavam lavar as suas roupas, de Manaus, em Paris. Levava seis meses para a roupa ir até Paris e voltar, quando seria muito mais fácil pagar para uma brasileira desempregada lavar a roupa deles e ganhar um salário e (incompreensível).

Eu acho que quando a gente vê discursos como o teu, Rafael, muita gente pode dizer: “Esse cara é sectário”, porque nós não ouvíamos isso. Quem não está lembrado do que falavam de nós, Chávez, no caso da Alca? “Ah, se não implantar a Alca vai ser o fim da América do Sul. Ah, vai acabar com a América do Sul se a Alca não vier.”. Nós não fizemos a Alca; fortalecemos o Mercosul. Nem os americanos falam mais da Alca, porque eles sabem que o Nafta está criando problema para eles.



Então, companheiros e companheiras, eu queria dizer para vocês uma coisa: briguem, divirjam, discutam. Se não der para tomar decisão em uma reunião, não tem problema, tomem na outra. O que é importante é que não se pode abrir mão, em momento algum, de construir uma América do Sul forte, uma América do Sul sem analfabetos, sem desnutrição, uma América do Sul com avanço científico e tecnológico, mas, sobretudo, uma América do Sul, onde cada cidadão sul-americano tenha orgulho de ser do jeito que nós somos. Cada sul-americano tem que ter orgulho do que nós somos, porque não é possível... Não é apenas o dinheiro que faz uma nação, não é apenas a grandeza do território que faz uma nação, não é apenas o PIB que faz uma nação; o que faz uma nação é a autoestima de um povo, é o orgulho de um povo. Nós temos, no nosso continente, um pequeno país, que é pobre, que passa por situações financeiras difíceis. Agora eu duvido que tenha, em todo o mundo, um país pequeno, mas um país de um povo orgulhoso como nós temos o povo cubano, na América Latina. Não existe, não existe. Não pode ser representado em PIB, em poder de consumo, mas em um orgulho de uma nação que foi construída e que nós estamos construindo. Cristina é parte viva disso. Eu estive... Conheci a Argentina antes de Kirchner e de Cristina, e a Argentina, teve um tempo em que ninguém nem queria ser presidente da Argentina. Esta mulher e o Kirchner deram ao povo argentino o orgulho, que a Argentina teve durante toda a sua história, recuperado.

Então, eu acho que é isso que conta na nossa passagem pela Presidência dos nossos países. Então, eu deixo a Presidência da República certo de que não fizemos tudo que tínhamos que fazer, mas fizemos tudo que era possível fazer, e vou continuar fazendo política – não pensem que vão se livrar de mim, não pensem que vão se livrar de mim. Eu vou continuar fazendo política neste país, porque eu acho que as experiências bem-sucedidas precisam ser socializadas com o mundo inteiro.



Portanto, companheiros, pelo carinho que vocês me dedicaram durante todo esse tempo, muito obrigado, e boa sorte a todos vocês.

(\$ 211B)